

# ESTUDIOS DE LITERATURA MEDIEVAL

25 AÑOS DE LA  
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE  
LITERATURA MEDIEVAL

EDITORAS

ANTONIA MARTÍNEZ PÉREZ  
ANA LUISA BAQUERO ESCUDERO

MURCIA  
2012



---

Estudios de literatura medieval : 25 años de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval / editoras Antonia Martínez Pérez, Ana Luisa Baquero Escudero.-- Murcia : Universidad de Murcia. Servicio de Publicaciones, 2012.

968 p.-- (Editum)  
ISBN: 978-84-15463-31-3

Literatura medieval-Historia y crítica.  
Martínez Pérez, Antonia  
Baquero Escudero, Ana Luisa  
Universidad de Murcia. Servicio de Publicaciones.

82.09"05/14"

---

1ª Edición 2012

Reservados todos los derechos. De acuerdo con la legislación vigente, y bajo las sanciones en ella previstas, queda totalmente prohibida la reproducción y/o transmisión parcial o total de este libro, por procedimientos mecánicos o electrónicos, incluyendo fotocopia, grabación magnética, óptica o cualesquiera otros procedimientos que la técnica permita o pueda permitir en el futuro, sin la expresa autorización por escrito de los propietarios del copyright.

© Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2.012



ISBN 978-84-15463-31-3

Depósito Legal MU-921-2012

*Impreso en España - Printed in Spain*

Imprime: Servicio de Publicaciones. Universidad de Murcia  
C/ Actor Isidoro Máiquez 9. 30007 MURCIA

## IN CAPELLA DOMINI REGIS, IN ULIXBONA E OUTRAS NÓTULAS TROVADORESCAS<sup>2311</sup>

JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO  
*Universidade de Santiago de Compostela*

### RESUMEN:

El trabajo pretende definir, con la ayuda de diversos documentos notariales del siglo XIII, las coordenadas espacio-temporales en que se inscriben varios poetas gallego-portugueses. Por un lado se abordan los nuevos datos biográficos relativos a los poetas-clérigos compostelanos Paio de Cana y Sancho Sanches, que los sitúan, respectivamente, en 1245 y 1260. Por otro, se analizan las implicaciones históricas y literarias de una escritura de 1265, elaborada en la corte de Afonso III de Portugal, en que concurren cinco trovadores: Fernando Fernandes Cogominho, João Lopes de Ulhoa, João Peres de Aboim, João Soares Coelho e Pedro Fernandes de Ornelas.

**Palabras-clave:** Lírica gallego-portuguesa, Santiago de Compostela, Afonso III, Paio de Cana, Sancho Sanches, Fernando Fernandes Cogominho, João Peres de Aboim.

### ABSTRACT:

This essay intends to define, with the aid of different 13th century legal documents, the spatio-temporal coordinates in which several Galician-Portuguese poets might be inscribed. On the one hand we deal with new biographical data about the poet-clerics from Compostela Paio de Cana and Sancho Sanches, that situate them, in 1245 and 1260 respectively. On the other, we analyze the literary and the historical implications on a 1265 text, written in the court of Afonso III of Portugal, where five troubadours meet: Fernando Fernandes Cogominho, João Lopes de Ulhoa, João Peres de Aboim, João Soares Coelho and Pedro Fernandes de Ornelas.

**Key-words:** Galician-Portuguese poetry, Santiago de Compostela, Afonso III king of Portugal, Paio de Cana. Sancho Sanches, Fernando Fernandes Cogomino, João Peres de Aboim.

## 0. INTRODUÇÃO

O progresso da investigação histórica relativa ao trovadorismo galego-português, cujos fundamentos foram estabelecidos nos inícios do século XX por Carolina Michaëlis, aproxima-nos cada vez com mais precisão do contexto social em que se instituiu e assentou aquele movimento cultural e das suas dinâmicas literárias. Esse tipo de pesquisa, marcado nos últimos tempos pelo contributo fundamental de António Resende de Oliveira<sup>2312</sup>, tem sido objeto do nosso interesse desde meados da década de 90 do século passado, sobretudo no que se refere a algumas das personalidades de cronologia mais recuada.

A nossa atenção não se centrará agora nesse período inaugural, mas em poetas cuja atividade literária se situa na segunda metade do séc. XIII. Em concreto, incidiremos em dois núcleos: (i) a compilação de clérigos-poetas e (ii) um grupo de trovadores da corte de Afonso III de Portugal citados numa escritura do mosteiro de Almoester. O estudo assenta em essência, para o primeiro grupo, na análise de diversos diplomas do *Tombo C* -cit. TC- do Arquivo da Catedral de Santiago e, no segundo

<sup>2311</sup> Este trabalho faz parte dos projetos: PGIDIT06CSC20401PR, PGIDIT09SECO23204PR e PGIDITIN-CITE09204068PR.

<sup>2312</sup> A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo trovadoresco*, Lisboa, Colibri, 1994.

caso, nessa carta de 1265, lavrada na cúria de Afonso III de Portugal e hoje custodiada no IAN/TT de Lisboa<sup>2313</sup>.

## 1. DOIS CLÉRIGOS COMPOSTELANOS: PAIO DE CANA E SANCHO SANCHES

Apesar de não ter sido publicado integralmente, o *TC* foi explorado por alguns estudiosos, com destaque para o cónego compostelano Antonio López Ferreiro. O arquivista utilizou-o, no campo que nos interessa, para o quinto volume da *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela* (1902), em concreto no capítulo X: «Varones ilustres compostelanos en este período. -Parte que en el origen y desarrollo de los antiguos Cancioneros galaico-portugueses tuvieron los burgueses y Clérigos compostelanos». A própria C. Michaëlis, no segundo volume do *Cancioneiro da Ajuda*, dedicou um breve capítulo (*Adição*) a analisar essas notícias de López Ferreiro «relativas a alguns trovadores de origem gallega, incontestada ou provavel, da idade aurea de Santiago, colhidas na sua maior parte em documentos»<sup>2314</sup>. Este facto ajudou, indiretamente, a que algumas imprecisões estampadas por López Ferreiro tenham sobrevivido até à atualidade<sup>2315</sup>.

### 1.1. PAIO DE CANA

*Pai de Cana*, clérigo, de quem conservamos apenas duas cantigas de amigo, é um dos poetas que integram aquela «recolha de autores cuja junção parece ter obedecido a um critério de ordem sociológica, no caso a condição clerical de todos eles»<sup>2316</sup>. Esse grupo de compositores, provavelmente reunidos antes da sua integração numa recolha mais geral, já fora de algum modo identificado por Michaëlis quando, aludindo precisamente a Pai de Cana, postulava a existência de um «cancioneirinho com versos de clérigos e burgueses gallizianos que floresceram em meados do sec. XIII»<sup>2317</sup>. Sobre a biografia do poeta em foco, D<sup>a</sup> Carolina limitou-se a reproduzir, quase literalmente, os dados ambíguos -por não justificados- de López Ferreiro<sup>2318</sup>:

*Pay da Cana* (no Cancioneiro dizem *de Cana*) deve ser um clérigo deste nome pouco vulgar, **vivo em meados do séc. XIII**, filho ou irmão de **D. Pedro Arias da Cana**, burguês de Santiago. A uns tres kilometros de Santiago ha um lugar de nome *Pay da Cana*, o qual tomaria do individuo indicado, ou de outro da mesma familia. Mór da Cana (CV 1076) era provavelmente irmã de Pay<sup>2319</sup>.

Em tempos mais recentes, Oliveira notou a existência de um indivíduo homónimo citado, como já falecido, num testamento redigido em 1348: «Segundo López Ferreiro, seria filho ou irmão de D.

<sup>2313</sup> As escrituras em foco são reproduzidas no «Apêndice documental» deste trabalho.

<sup>2314</sup> C. Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda*, Lisboa, INCM, 1990 [1<sup>a</sup> ed. Halle, Niemeyer, 1904], pp. 579-580.

<sup>2315</sup> Eu próprio comecei a explorar e publicar alguns documentos desse códice desde finais da década de noventa do século passado. Dessa pesquisa resultaram trabalhos de diversa natureza, alguns centrados em figuras da lírica galego-portuguesa como Airas Fernandes “Carpancho”, cuja biografia só pôde ser estabelecida graças aos dados desse cartulário. Veja-se J. A. Souto Cabo - Y. F. Vieira, «Para um novo enquadramento histórico-literário de Airas Fernandes, dito “Carpancho”», *Revista de Literatura Medieval*, XVI/1, 2003, pp. 221-227.

<sup>2316</sup> A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo ...*, op. cit., pp. 196-197. Este investigador coloca os limites dessa compilação entre Airas Nunes (B 908) e Sancho Sanches (B 938), ambos incluídos.

<sup>2317</sup> C. Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, op. cit, pp. 582, situa esse cancionerinho entre as cantigas 924 e 976 (“pelo menos”) de *B*, mas não justifica uma demarcação que, nos seus extremos, parece errada por defeito e por excesso.

<sup>2318</sup> A. López Ferreiro, *Historia de la S. A. M. Iglesia de Santiago*, vol. V, Santiago, Seminario Conciliar Central, 1902, p. 377: «Las cantigas 521 y 522 del Cancionero de la Vaticana, son de otro Clérigo compostelano, llamado *Pay da Cana*, hijo ó hermano de D. Pedro Arias *da Cana*, burgués de Santiago, á mediados del siglo XIII», «A unos tres kilometros al Oeste de Santiago hay un lugar conocido con el nombre de *Pay da Cana*, que tomó, sino de nuestro trovador, de otro individuo de la misma familia». *Pai da Cana* é, na actualidade, o nome de um lugar na freguesia de Conxo (c. Santiago de Compostela).

<sup>2319</sup> C. Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, op. cit., p. 582.

Pedro Airas da Cana, burguês de Santiago documentado por volta dos meados do séc. XIII. No entanto, se este autor é o “Pay da Cana” mencionado no testamento de D. Nuno Gonçalves de Bendaña, de 1348, teremos que rever a sua cronologia»<sup>2320</sup>. Com efeito, o conteúdo dessa manda testamentária demonstra que ambos foram contemporâneos, já que Pai da Cana -falecido nessa altura- fizera um empréstimo a D. Nuno. O professor de Coimbra é, assim, levado a considerar que se trata de um autor «dos fins do séc. XIII e inícios do séc. XIV». Por outro lado, supõe que um Pedro Aires da Cana citado numa escritura de 1320 do *Tombo B* -cit. *TB*- foi «certamente diferente do homónimo citado por López Ferreiro».

Na documentação compostelana do século XIII e primeira metade do séc. XIV registamos as seguintes personagens pertencentes ao grupo familiar de/da Cana:

01. 1243 (*TC*, fl. 241v-242r): «Pelagius Petri, dictus de Cana»
02. 1275 (*ACS*, *Tombo de Santa Clara*, LD 24/55): «Arias Petri de Cana»
03. 1308 (*TC*, fls. 90r-90v): «Fernando Iohannis de Cana»
04. 1319 (*TC*, fls. 21r-21v): «a terça da orta do Souto que comprei de Pai da Cana»
05. 1320 (*TB*, nº 113): «Pedro Aras da Cana»
06. 1321 (*TB*, nº 266): «Pedro Aras da Cana»
07. 1321 (*TC*, fl. 21v-22r): «a terça daquela orta do Souto que comprei de Pedro Arias da Cana»
08. 1348 (*TC*, fl. 35r-36v): «fillos de Pay da Cana ... o que me emprestou o dito Pay da Cana»
09. 1348 (*Galicía Histórica*<sup>2321</sup>, nº 32): «Ines Fernandes da Cana»
10. ? (*B* 1466, V 1076): «Mor da Cana» (cantiga de João Airas de Santiago<sup>2322</sup>)

Do nosso ponto de vista, só o Paio Peres de Cana citado no documento de 1243 [Apêndice, doc. nº 1] é que pode ser identificado com o nosso autor; em primeiro lugar por motivos onomásticos de significado cronológico: os cancioneiros registam unicamente a fórmula «de Cana» («da Cana» seria, de facto, *lectio faciliior*). Por outro lado, a paternidade que se atribui ao Paio da Cana mencionado em 1348 não parece, *a priori*, compatível com a condição de clerical. Levando em atenção esses dados, podemos estabelecer o seguinte esquema genealógico<sup>2323</sup>:

- A. [Pedro de Cana]
1. **Paio Peres de Cana (1243)**
  2. [João Peres de Cana]
    - 2.1. Fernando Eanes da Cana (1309)
      - 2.1.1. Inês Fernandes da Cana (1348)
  3. Airas Peres de Cana (1275)
    - 3.1. Pedro Airas da Cana (1320-1321)
    - 3.2. Paio Airas da Cana (1319)
      - 3.2.1. Filhos de Paio da Cana (1348)
    - 3.3. Maior Airas da Cana

<sup>2320</sup> A. R. de Oliveria, *Depois do espectáculo ...*, op. cit., p. 399.

<sup>2321</sup> *Colección Diplomática de Galicía Histórica*, Santiago, Tipografía Galaica, 1901.

<sup>2322</sup> Veja-se J. L. Rodríguez, *El Cancionero de Joan Airas de Santiago*, Anexo 12 de *Verba*, Santiago, Universidade de Santiago, 1980, p. 283.

<sup>2323</sup> Os indivíduos cujos nomes são incluídos entre parênteses retos não foram registados na documentação, mas a sua existência é postulada pelos respetivos descendentes.

A única ocorrência conhecida de Paio Peres de Cana situa-o em 1243.03.05, altura em que confirmava a compra-venda de propriedades no atual concelho de Ames (limitrofe com o de Santiago). A sua biografia pode ser enquadrada no espaço temporal que vai de 1220 a 1280, o que nos permite considerá-lo poeticamente ativo ca. 1245-1275. Essa cronologia coaduna-se com a dos poetas que o rodeiam na tradição manuscrita: Gomes Garcia, falecido em 1286<sup>2324</sup>; Rui Fernandes, clérigo de Santiago, que redige testamento em 1273 ou Sancho Sanches (cfr. infra).

No documento de 1275 do *Tombo de Santa Clara*, acima citado (alínea 2), Airas Peres de Cana, irmão do poeta, aforava a Pedro Vidal de Paradela diversas propriedades -entre elas uma casa- em Paradela (Leovalde, c. Tordoia) («uestra domo et cellario in ipsa hereditate de Paradela»). É, portanto, provável que os «de Cana» tenham sido originários dessa área geográfica (18 km a norte de Santiago de Compostela).

## 1.2. SANCHO SANCHES

As seguintes palavras de Oliveira sintetizam o que até agora se presumia sobre a biografia deste poeta-clérigo: «Nada se sabe de concreto acerca deste autor. Dada a naturalidade e cronologia dos restantes clérigos presentes na mesma zona dos cancioneiros será, provavelmente, galego ou castelhano e terá vivido na segunda metade do séc. XIII»<sup>2325</sup>. Com efeito, nem A. López Ferreiro (que não o inclui na nómina de autores relacionados com a cidade e/ou igreja de Santiago) nem Carolina Michaëlis chegaram a sugerir uma proposta identificativa concreta para Sancho Sanches. Contudo, esta última utilizou o testemunho dele e dos clérigos Airas Nunes, Rui Fernandes e Pai da Cana, na alínea 411 do segundo volume do *Cancioneiro da Ajuda*, para defender que Santiago de Compostela foi «não só centro de cultura eclesiástica erudita, mas também foco de irradiação de uma poesia profana, em latim e romanço»<sup>2326</sup>. Do anterior deduzimos que a filóloga alemã considerava implicitamente Sancho Sanches como clérigo compostelano.

Essa hipótese veio a ser confirmada por uma escritura de 1260 (Apêndice, doc. nº 2) em que João Barcala, em representação do deão de Santiago, compra propriedades no lugar de Oseve (S. Simão de Ons - Cacheiras, c. Teo). Entre as testemunhas encontramos um Sancho Sanches, qualificado como clérigo, que supomos membro do estamento clerical da Sé de Santiago destacado nessa área imediata à capital galega. A delimitação do âmbito geográfico com o qual aparece relacionado pode ser uma via para identificar o S. Salvador referido numa das suas cantigas de amigo:

En outro día, en San Salvador,  
ví meu amigo, que mi gran bem quer,  
e nunca mais coitada foi molher  
do que eu i fui, segundo meu sen,  
cuidand', amiga, qual era melhor:  
de o matar ou de lhi fazer ben  
(B 940)

<sup>2324</sup> Sobre este autor, veja-se P. Lorenzo Gradín, «Gomez Garcia, abade de Valadolide», em C. Alvar - J. M. Lucía Megías (eds.), *Actas del Congreso Internacional. La literatura en la época de Sancho IV (Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1996, pp. 213-226.

<sup>2325</sup> A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo ...*, op. cit., p. 436. Os autores da *Lírica profana galego-portuguesa* (Santiago de Compostela, CIRP - Xunta de Galicia, 1996, p. 993) apontam: «Trobador probablemente galego xa que a sua produción foi inserida no Cancioneiro de poetas-clérigos. Este feito motiva que se poida conxectar que a súa actividade poética se desenvolveu entre finais do século XIII e inicios do XIV, sen que saibamos en que ambientes se produciu, aínda que se pode supoñer unha relación cos círculos casteláns».

<sup>2326</sup> Em concreto, aparece citado no parágrafo em que alude a Adão Fernandes, clérigo compostelano -irmão de Airas Fernandes Carpancho-, como possível autor de uma sátira virulenta contra as mulheres. Sancho Sanches seria um desses eclesiásticos «que cedendo ao temperamento erotico da raça, ora sensual ora grosseiro, ora delicado e diaphano como o azul do firmamento, compunha cantigas de amor» (p. 818).

Trata-se, muito provavelmente, do santuário de S. Salvador de Bastavales (c. Briom), cabeça da antiga freguesia desse nome (hoje integrada na de S. Julião de Bastavales), situada a 6,5 km de Oseve a 10 km de Santiago de Compostela<sup>2327</sup>.

Os dados documentais sobre Pai de Cana e Sancho Sanches vêm reforçar o caráter jacobeu do *Liedersammlung* clerical<sup>2328</sup>. De facto, talvez fosse mais lógico falar em compilação de clérigos compostelanos, ou, seguindo Carolina Michaëlis, de uma compilação de clérigos e burgueses de Santiago. Por outro lado, a participação no lirismo galego-português de personagens eclesiásticas da área compostelana poder-se-á constituir numa chave que nos ajude a desvendar a biografia doutros poetas<sup>2329</sup>.

## 2. IN CAPELLA DOMINI REGIS, IN ULIXBONA

O episódio documental que empresta o título à nossa intervenção leva-nos à capital lusitana no ano de 1265 (Apêndice, doc. n.º 3<sup>2330</sup>). O diploma em foco, pelo seu interesse literário, é um *unicum*, enquanto registo indireto de atividade poética no âmbito do lirismo galaico-português. A característica mais expressiva é a presença simultânea de cinco agentes desse movimento em torno de Afonso III de Portugal. Como veremos a seguir, esse agrupamento de poetas ficou também plasmado com surpreendente paralelismo na tradição manuscrita.

Por essa escritura, Rui Garcia de Paiva assegurava ao sogro, Airas Nunes, as arras da mulher, Berengária Airas, com o compromisso de vários fiadores. O ato diplomático, produzido na capela do rei em Lisboa<sup>2331</sup>, contou com a presença, entre garantes e testemunhas, de: Fernando Fernandes Cogominho, João Lopes de Ulhoa, João Peres de Aboim, João Soares Coelho e Pedro Fernandes de Ornelas. Ora bem, se atentarmos para a localização relativa desses nomes no quadro geral da tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa<sup>2332</sup>, observamos que, salvo no caso das duas cantigas de Pedro de Ornelas, a produção desses trovadores aparece materialmente associada e nas mesmas posições relativas (face a variabilidade de outros autores da mesma área):

<sup>2327</sup> S. Salvador de Ledesma (c. Boqueixon) já se situa, no sudoeste, a 20 km de Santiago e a 17 km de Oseve.

<sup>2328</sup> Aliás, a existência desse núcleo de autores constitui um argumento determinante para impugnar a discriminação categórica entre cultura clerical e cultura cortesã postulada por alguns estudiosos. Sobre o assunto, entre outros, vejamos os contributos de Y. F. Vieira, «Lírica trovadoresca galego-portuguesa e cultura clerical», em *Actes del X Congrés Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval (Alacant, 18-22 de setembre de 2003)* (eds. R. Alemany - J. L. Martos - J. M. Manzanaro), Alacant, Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, 2005, vol. 2, pp. 743-752 e R. Sánchez Ameijeiras, «O entorno imaxinario do rei: cultura cortesá e/ou cultura clerical en Galicia en tempos de Afonso IX», em *Afonso IX e a sua época. Pro utilitate regni mei*, Corunha, Concello da Coruña - Ministerio de Cultura, 2008, pp. 307-325.

<sup>2329</sup> Segundo se expõe num artigo em preparação (“Notulas trovadorescas compostelanas”), este pode ser o caso de Pedro Meogo, identificável com o clérigo-presbítero de S. Simão de Ons que testemunha o documento n.º 2 do “Apêndice”, portanto, ao lado de Sancho Sanches. É, também, muito provável que Bernardo de Bonaval tenha sido o prior homónimo que, em 1276, regia o mosteiro compostelano de S. Domingos de Bonaval, segundo se sugere nesse mesmo trabalho.

<sup>2330</sup> A partir de informações indiretas fornecidas por L. Ventura e J. Mattoso, A. R. de Oliveira (*Depois do espectáculo ...*, op. cit., p. 367) utilizou parcialmente o conteúdo desse diploma para a biografia de João Lopes de Ulhoa (sem citar os outros trovadores presentes no texto) e num trabalho sobre uma cantiga de Afonso Mendes de Besteiros («Rui Garcia de Paiva no escárnio galego-português», *Revista Portuguesa de História*, XXXVII/1, 2003, pp. 285-295), onde paradoxalmente omite a ocorrência do de Ulhoa e de Pedro Fernandes de Ornelas. Por sua vez, D. González Martínez, *Fernan Fernandez Cogominho: estudo biográfico, edición crítica, estudo lingüístico e literario, rimario e glosario* (tese de doutoramento inédita), Santiago, Universidade de Santiago, 2009, p. 56, alude ao escrito com base num trabalho de A. S. Pizarro.

<sup>2331</sup> Trata-se, muito provavelmente, da antiga capela de S. Miguel no castelo de S. Jorge.

<sup>2332</sup> Seguimos, em parte, o “Quadro geral” elaborado por A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo ...*, op. cit. (apêndice).

Secção amor	Secção amigo	Secção escárnio
37. Vasco Gil	92. Vasco Gil	222. G. E. do Vinhal
38. G. E. do Vinhal	93. <b>J. P. de Aboim</b>	223. <b>J. P. de Aboim</b>
39. <b>J. P. de Aboim</b>	94. <b>J. S. Coelho</b>	224. <b>J. S. Coelho</b>
40. <b>J. S. Coelho</b>	95. E. Reimondo	225. Vasco Gil
41. (R. E. Redondo?)	96. <b>J. L. de Ulhoa</b>	226. <b>J. S. Coelho</b>
42. [E. Reimondo?]	97. <b>F. F. Cogominho</b>	227. R. Pais de Ribela
43. R. Pais de Ribela	98. G. E. do Vinhal	...
44. <b>J. L. de Ulhoa</b>	...	232. R. Pais de Ribela
45. <b>F. F. Cogominho</b>	111. <b>P. F. de Ornelas</b>	
...		
84. <b>P. F. de Ornelas</b>		

Visto que essa coincidência histórico-literária dificilmente pode ser atribuída ao acaso, é possível que, salvo no caso de Pedro de Ornelas, a obra desses poetas -talvez junto com as cantigas de Estevam Reimondo (e Rodrigo Eanes Redondo?)- tenha chegado a conformar uma unidade independente («Compilação ou Cancioneiro de trovadores da corte de Afonso III»), possivelmente constituída em Santarém, antes de ser incorporada numa recolha mais ampla<sup>2333</sup>. Trata-se de uma constatação de grande utilidade para reconstruir o processo de formação da tradição manuscrita galego-portuguesa.

Por outro lado, o testemunho deste texto poderá esclarecer -ou levantar- algumas dúvidas específicas sobre dois dos trovadores citados, a começar por Pedro Fernandes de Ornelas, já identificado anteriormente com o poeta. A antecipação em 23 anos da sua primeira atestação conhecida -de 1288 a 1265- consegue definir com precisão a sua cronologia, mas deixa em aberto novos interrogantes sobre a posição que ocupa na tradição manuscrita, aparentemente associado a Estêvão da Guarda (1299-1362)<sup>2334</sup>.

O documento vem a assegurar a identificação do trovador Fernando Fernandes Cogominho com Fernando Fernandes Cogominho (I) -pai- e não com o filho homónimo (nascido ca. 1250)<sup>2335</sup>. Os motivos, óbvios, de natureza estritamente cronológica veem-se reforçados ou complementados por outros de carácter sócio-político. Lembremos que o titular da escritura, Rui Garcia de Paiva, e o próprio Fernando Fernandes (I) foram conselheiros régios de Afonso III em período coincidente e que ambos aparecem citados numa cantiga de Afonso Mendes de Besteiros<sup>2336</sup>.

Relativamente à integração desse autor na tradição manuscrita, Carolina Michaëlis<sup>2337</sup> considerava que as suas cantigas puderam ocupar o (primeiro) lugar de uma lacuna do Cancioneiro da Ajuda, em concreto a décimo-quarta. No entanto, Oliveira<sup>2338</sup> pôs em dúvida esse hipótese ao vincular a trajetória material das cantigas de amor do Cogominho com os autores que o seguem, do qual deduz uma integração secundária e individual da obra do autor nas recolhas poéticas<sup>2339</sup>. Assim, a presença desse trovador junto de João Lopes de Ulhoa, João Soares Coelho e João Peres de Aboim teria sido

<sup>2333</sup> Lembremos que João Peres de Aboim, a quem poderá remontar em última instância esta colectânea, foi primo-irmão de Estêvão Reimondo (de Portocarreiro), enquanto netos de Ourigo Ourigues da Nóbrega, como também o foi Gomes Martins da Nóbrega, uma das testemunhas.

<sup>2334</sup> A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo ...*, op. cit., p. 412-413, aponta como registos extremos para Pero de Ornelas os anos de 1288 e 1304?. Também nota a existência de um Pero de Ornelas, sem indicação de patronímico, como testemunha numa escritura de 1265 do mosteiro de S. Bento de Avé Maria do Porto.

<sup>2335</sup> Sobre a biografia deste autor, veja-se o, já citado, trabalho de D. González Martínez, *Fernan Fernandez Cogominho ...*, op. cit., pp. 21-58.

<sup>2336</sup> Veja-se Oliveira, «Rui Garcia de Paiva ...», art. cit., pp. 285-295, D. González Martínez, «*O arraiz de Roi Garcia... desseino-o et enlinho-o. Une nouvelle lecture du texte satirique B1560 d'Afonso Mendez de Besteiros*», *Revue des Langues Romanes* (no prelo) e, da mesma autora, «Fernan Fernandez Cogominho na cantiga B1560 de Afonso Mendez de Besteiros», *Revista de Literatura Medieval* (no prelo).

<sup>2337</sup> C. Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, op. cit., p. 829.

<sup>2338</sup> A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo ...*, op. cit., pp. 48, 205, 234-235.

<sup>2339</sup> Veja-se, também, D. González Martínez, *Fernan Fernandes Cogominho ...*, op. cit., pp. 69-76.

apenas resultado de uma circunstância fortuita, o que, à vista dos dados aqui explorados, deverá ser necessariamente reconsiderado<sup>2340</sup>.

Não podemos encerrar a nossa intervenção sem notarmos a presença, entre as testemunhas, de um Fernando Baveca que logo nos lembra o jogral João Baveca. É possível que se trate do, já conhecido, Fernando Baveca referido nos Livros de Linhagens como marido de Teresa Peres de Vide, sobrinha de Fernando Fernandes Cogominho; conexão familiar que pode explicar a sua presença no ato documental em questão. Quanto ao poeta, a posição na tradição manuscrita e o relacionamento literário com Pedro Amigo de Sevilha e com Pedro de Ambroa foram argumentos para o considerar jogral ou segrel galego, apesar de não ser conhecido na Galiza nenhum grupo familiar com esse sobrenome. O mais lógico é supor que foi irmão do anterior e, portanto, de origem lusitana, embora tenha fixado a residência nos reinos vizinhos, provavelmente na Galiza<sup>2341</sup>.

## APÊNDICE DOCUMENTAL

### 1

1243.03.05 - Santiago de Compostela.

ACS, *Tombo C*, fols. 241v-242r.

*Maria Miguéis vende a João Fernandes, dito «Rapado», o seu quinhão da vila de Guntim e o que possui na freguesia de S. Tomé de Ames (c. Ames).*

In nomine Domini, amen. Notum sit omnibus presentibus et futuris quod nos, Maria Michaelis, simul cum filia mea Maiore Iohannis qui presens est et concedit, et omnis uox nostra, grato animo et bona uoluntate, uendimus et firmiter concedimus uobis Iohanni Fernandi, dictus «Rapatus», et uxor uestre Maiori Didaci, omnique uoci uestre, sextam partem unius none de medietate totius uille de Guntim et etiam quantum ibi magis habemus et in tota filigresia Sancti Thome de Oiamas, tan de auolentia quam de ganantia, pro precio nobis et uobis conplacabili, uidilicet, solidos XXV legionenses, quos uobis in presenti cum suo placabili robore datis et de pretio nec de robore apud uos nichil remansit in debito ad soluendum. Et debemus uobis illam amparare per nos et per omnia bona nostra. Ab hinc igitur habete eam cum omnibus suis directuris ubicumque fuerint. Vendite, donate et omne uelle uestrum de ea in perpetuum faciatis.

Si quis igitur contra hoc uenerit pectet uobis L<sup>a</sup> solidos, carta in robore permanente.

Facta carta III<sup>o</sup> nonas martii, sub era M<sup>a</sup> CC<sup>a</sup> LXXXI. Nos iam dicti in hac carta manus nostras. Qui presentes fuerunt: Sebastianus Arie et Fernandus Pelagii, dictus «Sidra», camposores. Pelagius Petri, dictus «de Cana». Petrus Petri mercator. Ego Pelagius Martini, conpostellanae ciuitatis publicus notarius iuratus, interfui et confirmo et de mandato meo Iacobus Iohannis scripsit.

### 2

1260.10.12 - Santiago de Compostela.

ACS, *Tombo C*, fols. 72v-73r.

*João Miguéis de Casal do Miro vende a João Barcala, representante do deão compostelano, o que lhe pertence na vila de Oseve (S. Simão de Ons-Cacheiras, c. Teo).*

<sup>2340</sup> Não podemos descartar que o peculio poético de Fernando Fernandes Cogominho, no segmento citado, seja resultado da junção, em momentos diferentes, de dois grupos de textos. Isto explicaria os problemas que levanta a extensão da lacuna relativamente aos textos que a preencheram em origem.

<sup>2341</sup> Notemos ainda a presença, entre os confirmates, de Fernando Peres de Portocarreiro, parente do trovador Pedro Gonçalves de Portocarreiro. Veja-se M. Calderón Calderón, «Las cantigas de amigo de Pero Gonçalves de Portocarreiro», em C. Alvar - J. M. Lucía Megías (eds.), *Actas del Congreso Internacional. La literatura en la época de Sancho IV (Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1996, pp. 323-342.

In nomine Domini, amen. Notum sit omnibus quod nos, Iohannes Michaeli de Casali de Amiro, pro me et pro fratre meo Martino Michaeli, absente, e pro omni uoce mea et sua, et Maria Fernandi et Eluira Fernandi sorores, pro se ipsis et pro uoce sua, uendimus et firmiter concedimus uobis Johanni Ba[r]cala, clerico, comparanti, nomine et uoce domni Fernandi, decani compostellani et uocis sue, pro solidos XX<sup>ti</sup> legionenses, quos iam a uobis nomine ipsius recepimus, et renunciamus excepcioni de dictis denariis nos non numeratis et non traditis, quartam partem de quanta hereditate cum omnibus suis directuris ubicumque fuerint in uilla de Oseue, que est in filigresia Sancti Simeonis de Aoes. Et debemus ipsum decanum amparare cum dicta hereditate pro nos et pro omnia bona nostra.

Si quis igitur contra hanc uendicionem nostram uenerit, quisquis fuerit, pectet ipsi decano uel uoci sue solidos XL forte monetate, carta et uendicione nichilominus in suo robore permanentibus.

Facta carta III<sup>o</sup> idus octobris, era M<sup>a</sup> CC<sup>a</sup> LXL<sup>a</sup> VIII<sup>a</sup>. Nos, iam dicti, in hac carta manus nostras. Qui presentes fuerunt: Dominicus Pelagii de Monte. Iohannes Arie, rasor domini archiepiscopi. Dominicus Petri et Sancius Sancii, clerici. Petrus Pelagii, dictus «Batalla», et Siluester Iohannis de Recesende, et Petrus Moogus, clericus de Sancto Simeone, clerici presbiteri. Ego Petrus Didaci notario compostellano iuratus interfui, et confirmo et de mandato meo infrascriptus Dominicus Petri scripsit. Ego Dominicus Petri, clerico, de mandato Petri Didaci, notarius concilii compostelani, jurati scripsi.

## 3

1265.06.04 - Lisboa.

IAN/TT, Mosteiro de Almoester, maço 4, nº 12.

*Relação de fiadores que deu Rodrigo Garcia de Paiva, valido de Afonso III, a Airas Nunes pelas arras da filha, Berengária Airas.*

Sub era M<sup>a</sup> CCC<sup>a</sup> tercia, III<sup>o</sup> die iunii, in capella domini regis, in Ulixbona. Isti sunt fideussores quos dedit Rodericus Garsie de Pauia domno Arie Nuniz pro arris de sua filia, Biringela Arie, quam desposauit et recabedauit. In primis domnus Iohannes Petri de Auoino, fideussor de una quintana et decem casalibus. Laurencius Gonsalui Taueira, fideussor pro una quintana et decem casalibus. Domnus Iohannes Suerii Conelio, fideussor pro una quintana et pro decem casalibus. Fernandus Fernandi Cogomfo, fideussor pro una quinta et pro decem casalibus. Fernandus Martini Currotello, fideussor pro una quintana et pro decem casalibus. Alfonsus Nauaees, fideussor pro uiginti et quatuor de creatione, et pro sella et freno mocesso.

Qui presentes fuerunt, testes: Petrus Martini Caseual, Fernandus Petri de Portucarreiro, Iohannes Lupi de Olóo, Laurencius Magro, Fernandus Baueca, Sancius Gonsalui de Monte Maior o Novo. Testes: Petrus Iohannis Conelio, Petrus Fernandi de Ornelas, Gomecius Martini de Agnouegra. Testes: Rodericus Menendi de Frieira, Rodericus Iohannis de Baruudo, Durandus Pelagii cancellarius regine, Petrus Iohannis repositarius maior, Petrus Fernandi cuparius maior domini regis, Michael Fernandi et Nicolaus Iohannis eychani domini regis, testes.